

SQUEFF, Enio. Sinfônica de Campinas, o esforço bem-sucedido. Estado de São Paulo, São Paulo, 13 nov. 1977.

O Es-

Sinfônica de Campinas, o esforço bem-sucedido

ENIO SQUEFF //

Até alguns anos atrás, se um campineiro dissesse que a Sinfônica sustentada pela prefeitura de sua cidade era um dos únicos conjuntos a apresentar récitas equilibradas — acima mesmo da média de outras orquestras bem mais famosas do Brasil — a afirmação talvez valesse como simples baurrismo provinciano. Nos últimos tempos, entretanto, a despeito do isolamento em que vive o conjunto — longe da crítica atuante de São Paulo — a Sinfônica Municipal de Campinas vem merecendo elogios que, a estas alturas, não só justifica o entusiasmo da cidade paulista, como está a desafiar certos conceitos de que o problema dos conjuntos sinfônicos não têm solução senão pela importação de músicos.

Esta, pelo menos, foi a conclusão de alguns especialistas após a apresentação da nona sinfonia de Beethoven no encerramento das comemorações do sesquicentenário da morte do compositor. O juízo menos parcial em relação à apresentação do conjunto podia levar em conta uma série de restrições mais ou menos negativas: problemas de afinação das madeiras no primeiro movimento, perda de alguns compassos por parte do fagote no importantíssimo trecho em que se contrapõe às cordas na exposição do tema do último movimento da obra, ou mesmo algumas possíveis restrições sobre a interpretação de Benito Juarez, regente titular do conjunto. Tudo isso, porém, nada significaria em relação à apresentação que, mesmo para o mais rigoroso crítico, justifica plenamente o gasto de dois por cento do orçamento municipal que vem sendo despendidos pela prefeitura de Campinas para manutenção do conjunto. Milagre? A interrogação não deixa de ser pertinente. Formada por uma esmagadora maioria de jovens musicistas brasileiros, a Sinfônica de Campinas não escamoteia suas origens quase amadorísticas. E, para qualquer observador mais experiente, é transparente o esforço com que regente e orquestra se lançam às mais comozinhas tarefas.

“É um trabalho de pertinácia — afirma Benito Juarez, um regente tratado democraticamente por “você” pelos músicos e que não titubeia em aceitar as opiniões de seus jovens instrumentistas quanto à melhor maneira de interpretar uma frase. O que explicaria a excelente disposição do conjunto, porém, não seria apenas o surpreendente clima democrático, mas exatamente o oposto da postura da

maioria dos conjuntos profissionais brasileiros.

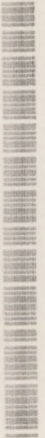
“Não posso afirmar que o estudo de um mês sobre uma mesma partitura não seja estafante — confessa o primeiro oboísta do conjunto — mas este é o mínimo e o máximo de tempo que estamos gastando para preparar uma obra importante e difícil como é a nona sinfonia”.

Para este instrumentista — uma opinião que, de resto, parece ser compartilhada pela maioria — o conceito de profissionalização, no país, deveria prever uma forte autoconsciência das próprias deficiências da formação dos instrumentistas. Assim, à falta de experiência, a Sinfônica de Campinas não tem pejo algum em compensar a previsível deficiência com exercícios constantes. E a aceitação dos problemas comuns como ponto de partida para um trabalho estafante parece ser o principal da contribuição que Benito Juarez estaria dando a sua orquestra. Para a preparação da nona sinfonia, por exemplo, (na realidade uma das mais bem acabadas interpretações que se ouviu da obra nestes últimos anos no Brasil), o conjunto estudou durante um mês. E se os resultados dão hoje à orquestra, a glória de possuir o naipe de cordas mais homogêneo dentre as sinfônicas do País, o orgulho desta condição não parece se justificar senão pelo exercício constante e pelo trabalho atilado, duas virtudes imputadas principalmente a Benito Juarez.

Com tudo isso, as consequências já se fazem sentir. Campinas, uma cidade com um orçamento não superior a boa parte de algumas capitais brasileiras, município cuja arrecadação está abaixo de algumas cidades que compõem a Grande São Paulo, como Santo André e São Bernardo, (para não se mencionar Santos) — pode não estar com o melhor conjunto do País. Entretanto, é certamente o que melhores e mais bem acabadas apresentações está oferecendo atualmente — um saudável paradoxo que a cidade está acolhendo com entusiasmo. Para as apresentações da nona Sinfonia de Beethoven, calcula-se que seis mil campineiros assistirão às apresentações de seu conjunto — um por cento da população do município, quantia que, se transplantada para São Paulo, equivaleria a no mínimo, uns 80 mil ouvintes.

“Mais ou menos o público que assiste a uma final do campeonato paulista no Morumbi” — diz o secretário de Cultura do Município, José Roberto Magalhães Teixeira. E que ainda ressalva: “Isso em dias de clássicos, ou seja, com uma final entre Coríntians e Ponte Preta”.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMLHE029958

Estado de São Paulo, São Paulo, 13 nov. 1977. Revista "Sintônica de Campinas", o esforço por-avulso. O Es-



Trabalho e exercício, virtudes do conjunto